

Os “carecas do subúrbio” e o neofascismo na produção musical.

Israel Carlos Fernandes de Brito, Patrícia Targino Melo

Resumo: O artigo em voga trata da xenofobia como uma linha de pensamento neofascista, que se manifesta na produção musical de alguns membros das fileiras de gangues intituladas “carecas do subúrbio”. Em que o mesmo demonstra como se dá a relação dialética entre o cotidiano e a ideologia na produção das suas representações. Neste caso, como o elevado fluxo migracional nordestino em direção ao estado de São Paulo e um contexto de desigualdade e mazelas sociais influenciaram na produção de letras que apresentavam o sentimento de aversão e repúdio contra o elemento forasteiro oriundo da região nordeste do Brasil.

Palavras chave: Carecas do subúrbio; Nordeste, Neofascismo, Xenofobia.

Gênesis, características e ideologia dos “carecas do subúrbio”

O debate acerca do surgimento dos “carecas do subúrbio” no Brasil, mais precisamente no ABC paulista – Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul – e na Zona Leste não é preciso. Relatos sugerem que os primeiros membros do grupo surgiram no início dos anos 80 entre 1981 e 1982 em que os mesmos anteriormente faziam parte de grupos *punks*. Contudo, em 1981 segundo Costa (1993), “começou a ocorrer uma diferenciação entre os *punks* do ABC e os da Zona Leste, de um lado e de outro os *punks* da cidade, ou da *city*.” Diferenciação essa que foi desencadeada sobre a premissa de que o *punk* “se vendeu” para a indústria fonográfica, desta maneira adotando uma postura mercenária. Perdendo assim seu *modus operandi* anárquico, visto como sujo, truculento, violento e que transgredia os padrões ditos como burgueses para se tornar um simples objeto de prateleira que qualquer um poderia ter acesso e se autodenominar *punk*.

temos a constatação de um dado muito importante: a mudança ocorrida entre 1978 e 1982 no que eles chamam de “ideologia *punk*”. Em 1982, algumas lideranças que atuavam na região metropolitana de São Paulo, através de *fanzines*, bandas, debates com a imprensa, tentaram congregar os *punks* em torno do que eles chamavam movimento *punk*. Naturalmente, esse movimento *punk*. Que eles buscavam construir, tornou-se incompatível com o nihilismo anárquico e violento, a agressão como forma de expressão, o uso da suástica nazista etc.(COSTA, 1993, p.51)

Insatisfeitos com as veredas que o *punk* tomava na grande São Paulo surgem os “carecas do subúrbio”, oriundos do ABC paulista e da Zona Leste como uma ramificação que contestava os rumos que o *punk* estava tomando naquele presente momento. Contudo, ainda possuíam uma série de resquícios do seu passado vinculado ao *punk*, como: o culto a violência, a organização em gangues e a utilização da suástica Nazista como um símbolo que tinha por sua finalidade chocar a sociedade. É pertinente que fique claro que mesmo com a utilização

da suástica, existia uma preocupação em se diferenciar do *skinhead*. Esse que por sua vez era vinculado como simpatizante de uma supremacia branca e ariana que bebeu aos potes da ideologia *Pro White* presente em grupos estadunidenses. Além de que, eram simpatizantes do Partido Nacional Socialista Alemão, que possuía aversão á imigrantes e negros e que sonhava em construir uma nação aos moldes idealizados por Adolf Hitler.

Por outro lado, assumiam a postura de jovens trabalhadores, nacionalistas, não usuários de drogas, que praticam atividades físicas e artes marciais para a proteção em uma cidade perigosa, além do propósito de um organismo saudável e o culto ao corpo. Era perceptível a constante preocupação em se diferenciar do marginal, do vagabundo, pois segundo eles os anteriormente citados são os que não trabalham, roubam aos pobres e vendem drogas para sobreviver. Buscavam demonstrar-se organizados em um movimento sério de jovens decentes que tinham um grande interesse em ler, se informar, em crescer intelectualmente. Não permitindo a utilização do fato de serem membros de uma parcela societal vista de maneira desfavorecida como justificativa para a não busca pelo conhecimento.

A principal temática de interesse dos mesmos eram os jornais e revistas estrangeiras, muitas vezes escassas que falavam sobre *skinheads*, *punks*, Movimento Oi!. Por exemplo, quais bandas estavam tocando, quais eram as posturas adotadas dentro e fora do Brasil por grupos semelhantes, dentre outros assuntos de seus interesses. Materiais esses que na maioria das vezes, eram encontrados normalmente em inglês e demais idiomas dos mesmos, traduziam essas reportagens palavra por palavra com dicionários e posteriormente publicavam em *fanzines*. Muitos desses membros possuíam um total repúdio aos meios de comunicação, pois acusavam a mídia de manipuladora, representante de grandes empresários. Contudo, como relata Costa (1993) em entrevistas concedidas á autora, alguns “carecas” apesar dessa aparente antipatia, guardavam reportagens e recortes com extremo zelo encontrando-se devidamente selecionados, organizados e resguardados.

Por outro lado, a banda “Neuróticos” gravou a música “Careca” para o disco “O começo do fim do mundo” onde a letra é considerada um tributo ao surgimento dos “carecas”, em que a seguinte diz:

Vamos para a guerra/ Juntar nossa força/ Careca! Careca!/ Não gostamos de racismo/ Não gostamos de fascismo/ Careca! Careca!/ Vamos para as ruas/ Demonstrar a nossa força/ Careca! Careca!/ Grite para todos/ O grito de guerra/ Careca! Careca!”. Já segundo a versão de um punk contemporâneo a esse evento, “o primeiro ‘careca do subúrbio’ é o T., há dez anos (...) (mais ou menos 1981) ele já era ‘careca’. Na época só tinha o T., que era punk mas (...) andava de cabeça raspada, e era só. Depois surgem os ‘carecas do subúrbio’, um pessoal do fundão da Zona Leste (BRACHT apud. Costa, 2005, p.97)

Nessa letra, a analisar as entrelinhas da mesma, fica perceptível o repúdio dos “carecas do subúrbio” quanto ao racismo e ligação com a extrema-direita. Apesar das poucas informações oriundas de fora do Brasil, o “careca”, preocupou-se em afastar-se da roupagem atribuída aos *skinheads* europeus vistos como nazistas. Segundo Alessandro Bracht:

Baseado nas poucas informações que aqui chegavam, a imagem que se tinha dos *skinheads* europeus era de uma total devoção ao nazismo e suas adjacências. Nada se sabia a respeito das origens subculturais operárias dos *skinheads* britânicos do final da década de 1960 ou das variantes existentes. A própria alcunha nacional - 'careca' - também servia como afastamento claro da conexão direta com a imagem generalizante do *naziskin* forâneo. (BRACHT, 2005, p.98)

Quanto à maneira de como se organizavam, os "carecas do subúrbio" eram caracterizados por estarem vinculados normalmente a gangues. Com aquele princípio já falado anteriormente, eles seriam um "exército de carecas dispostos a salvar o Brasil" de uma sociedade podre, que perdeu seus valores morais e que estava sendo tomada de assalto pelos migrantes. Esses grupos eram normalmente compostos por jovens que estavam dispostos a criar um movimento por essa causa. Além de que, diferentemente dos *skinheads* ingleses, não tinham o interesse em criar balburdia em estádios de futebol. Mas quanto ao princípio da violência, ela está vinculada diretamente as gangues em que determinados atos eram feitos para que eles fossem respeitados e temidos por outros grupos. Ou seja, era uma questão de sobrevivência em um local perigoso como São Paulo ser violento.

Na visão de Hobsbawm (1996), após a década de 70 muitos jovens abandonam os princípios de partidos de esquerda por movimentos que galgavam buscas mais específicas. Nesse caso, os "carecas do subúrbio" paulistas buscavam "salvar o Brasil com seu exército careca". Retornando às gangues, segundo Castells, na sociedade contemporânea elas:

desempenham um papel estrutural em diversas áreas, o que explica os sentimentos ambíguos dos moradores locais em relação a elas, por um lado temerosos mas, por outro lado, capazes de se relacionarem com a sociedade das gangues de forma mais bem-sucedida que com as instituições oficiais, que normalmente se fazem presentes apenas em suas manifestações de repressão. (CASTELLS, 1996, p.83)

Essa necessidade de organização de pelotões de jovens que se auto afirmavam proletariados, trabalhadores, nacionalistas, dentre uma série de outros elementos denota-se os esforços do mesmo em construir um movimento social. Para Castells (1996), quanto à organização dos movimentos sociais, afirma que os mesmos "são ações coletivas com um determinado propósito cujo resultado, tanto em caso de sucesso como de fracasso, transforma os valores e instituições da sociedade". Percebe-se os esforços dos "carecas do subúrbio" quanto à formação de um grupo com o intuito de transformar a sociedade brasileira, principalmente no campo dos valores e princípios.

Contudo, dois aspectos devem ser colocados em questão. De acordo com a escola da Nova Teoria dos Movimentos Sociais, o Brasil como um país da América Latina, tinha em seu contexto, pessoas com um modo de vida digno de nações desenvolvidas convivendo com indivíduos em situação de miséria. Por outro lado, a formação dessa tropa careca que salvaria o Brasil esbarrou no insucesso e seus objetivos não foram atingidos, principalmente pela maneira como ambigüidades começaram a surgir nos grupos. Como por exemplo, a confusão que começou a surgir devido a membros que usavam drogas e álcool, algo que era contra os princípios de corpo e mente saudável. Os carecas negavam tais práticas, enquanto

alguns *punks* afirmam que já testemunharam carecas se drogando. A desordem de ideias ocorre também com a chegada de novos membros as gangues, simpatizantes do *skinheads* adeptos ao nazismo alemão. Características essas que mostravam uma dissintonia ideológica entre os novos membros e os antigos que repudiavam tais linhas de raciocínio. Concluindo, apesar de aparentemente bem intencionados, com a formação dessa entidade paramilitar que salvaria o Brasil, o movimento dos “carecas do subúrbio” não passou de uma utopia.

O fascismo e os “carecas do subúrbio”

Como anteriormente já demonstrado, os “carecas do subúrbio” paulistanos sempre procuraram afastar de si o rótulo de nazistas, característica essa atribuída aos *skinheads*. Contudo, de acordo com as fontes que a seguir serão apresentadas, muitos carecas faziam a prática do uso da suástica em suas roupas ou em tatuagens, além de possuírem como prática comum o uso da saudação Nazista “Heil Hitler” e claramente demonstravam admiração ao Partido Nacional Socialista Alemão e seu líder Adolf Hitler. Existem registros de que foram realizados esforços para a criação e organização de um partido de extrema-direita, o Partido Nacional Socialista Brasileiro.

Primeiramente, é demasiado importante a compreensão de como indivíduos atribuem para si determinadas características e pretendem implantar em seu país uma determinada ideologia ao beber das fontes de um regime de extrema-direita alemão. Norberto Bobbio (1998), afirma quanto aos usos e significados do termo “Fascismo”:

O primeiro faz referência ao núcleo histórico original, constituído pelo Fascismo italiano em sua historicidade específica; o segundo está ligado à dimensão internacional que o Fascismo alcançou, quando o nacional-socialismo se consolidou na Alemanha com tais características ideológicas, tais critérios organizativos e finalidades políticas, que levou os contemporâneos a estabelecerem uma analogia essencial entre o Fascismo italiano e o que foi chamado de Fascismo alemão; o terceiro, enfim, estende o termo a todos os movimentos ou regimes que compartilham com aquele que foi definido como “Fascismo histórico”, de um certo núcleo de características ideológicas e/ou critérios de organização e/ou finalidades políticas. (BOBBIO, 1988, p.466)

É perceptível, de acordo com a citação, a dificuldade de se compreender o que é o fascismo devido a sua complexidade. Podendo ser o sistema de governo que se estabeleceu na Itália, vista pela ótica geral da historiografia. A proporção internacional atingida pelo governo fascista italiano e o nacional-socialista alemão. Ou um conjunto de característica de ideologia e/ou parâmetros de organização e/ou fins políticos. Trabalharemos aqui, com essa terceira colocação. Segundo Marques, Berutti e Faria (2011) “não se pode limitar o fascismo ao período compreendido entre as duas guerras mundiais, pois ele pode emergir nos mais diversos momentos sob formas variadas”.

Quanto ao posicionamento simplista e a maleabilidade de solidificar uma definição acerca do que é o Fascismo e a questão da temporalidade, Félix Guattari afirma:

dever-se-ia, portanto renunciar definitivamente a fórmulas demasiado simplistas do gênero: 'o fascismo não passará'. Ele não só já passou, como passa sem parar. Passa através da mais fina malha; ele está em constante evolução, parece vir de fora, mas encontra sua energia no coração do desejo de cada um de nós. Em situações aparente sem problemas, catástrofes podem aparecer de um dia para o outro.(MARQUES, BERUTTI, FARIA apud. GUATTARI, 2011, p.136)

De acordo com Henri Michel (1997), o fascismo possui uma série de rejeições e afirmações que norteiam sua linha de raciocínio. Rejeitam a democracia, pois a consideram "podre". Que a mesma é responsável por criar um regime fraco por ser dominado por grupos de pressão e que se demonstra incapaz de "salvaguardar o interesse nacional", além de que a existência de muitos partidos políticos servem apenas como catalisador de "divisões e discussões" vistos como inúteis. Não aceitam também os princípios do individualismo, pois o indivíduo não possui direito algum, ele apenas "existe pela comunidade na qual se integra; precisa ser enquadrado e comandado", ou seja, o indivíduo existe unicamente em prol da nação, do geral, do corpo.

Conseqüentemente rejeitam a sociedade liberal, pois "a liberdade degenera em licença, e a licença em enfraquecimento da coesão do grupo". Além de possuírem repulsa do comportamento norteado pela razão, pois o fascismo é "antiintelectualista", cultua a ação e aclamam a virtude da violência. Mostra-se contra também ao "socialismo-marxista", pois o mesmo é baseado na luta de classes e a mesma subdivide e enfraquece o corpo do grupo social. Recusa também a liberdade econômica, pois essa permite que os fortes subjuguem os fracos, permite que um povo pobre seja esmagado por um rico, causando prejuízo ao ideal de coletividade.

Por outro lado, existe uma série de características que surgem como fator de afirmação para fascistas. Primeiramente, existe o ideal de nacionalismo exagerado. O imaginário de nação sagrada é o bem supremo. Conseqüentemente, acabam pendendo para o ideal de purificação da nação, repudiando tudo o que é oriundo de outros povos, apresentando assim características xenofóbicas e racistas. O nacionalismo fascista também se caracteriza por sua altivez e ambição, sempre almejando violar novas fronteiras, rever tratados antigos em que está a procura de algum território que pretende recuperar, através do resgate histórico, de um período de grandeza que ele pretende igualar no tempo presente. Busca o apoio do exército e repudia políticas pacifistas, possui como âncora fixadora a cultura da violência e da ação; exaltado o soldado, a beligerância e as batalhas.

Nos regimes fascistas uma característica clássica é o do Estado forte, centralizado em um partido único e que possui como intermediário o culto ao chefe. Um líder que deve afirmar-se em todos os patamares da sociedade, tanto na esfera econômica como administrativa, apresentando-se como o guia salvador da nação, em que ele surgiria e seria erguido pela massa por conta da sua personalidade. Além de possuírem um movimento juvenil que dará prosseguimento ao modo de governo seguindo as diretrizes anteriormente estabelecidas pelo partido único. Quanto a uma sociedade que vive em um governo fascista, para Henri Michel (1997), essa se torna:

hierarquizada; uns comandam, os outros crêem e obedecem, mas o poder vem sempre de cima; os fascistas travam a sua primeira batalha na rua, contra os seus adversários; passado isto, “reina a ordem” e a população é enquadrada territorial e profissionalmente, em organismos destinados a modificar o Estado. Assim irá surgindo, a pouco e pouco, uma nova classe dirigente. (MICHEL, 1977, p.16)

Outro ponto crucial da ideologia de regimes totalitários fascista é o socialismo nacional. Com o intuito de se instituir uma sociedade mais igualitária, o socialismo nacional apresenta-se como uma arma mais eficaz contra o comunismo, pois o primeiro estaria superando a luta de classes no âmbito societal para substituí-la pela sua cooperação. A questão não seria coletivização, suprimir o proletariado, muito menos a gestão por uma comissão de trabalhadores. Mas o Estado, submeteria os empresários a uma lei comum e por outro lado, publicaria leis sociais com o fim de melhorar as condições dos trabalhadores. Contudo, esse ideal foi um tanto esquecido pelos partidos fascistas, pois, após o alcance do poder, essas promessas servirão somente para a instituição de uma ditadura popular.

Sobre essa gama de medidas, Michel afirma que:

Para o fascismo, este conjunto de medidas deve permitir a formação e desenvolvimento de um tipo de homem novo. Este homem novo deve ser viril - o fascismo menospreza a mulher- apto para o comando, duro para si próprio e para os outros. As suas qualidades dominantes são a coragem, o espírito de disciplina, o sentido da solidariedade. Mais do que as qualidades intelectuais, os fascistas pretendem desenvolver as “qualidades animais” do homem; desconfiam do espírito crítico, que consideram dissolvente; o fascista contenta-se com “crer, obedecer, combater”. O ideal seria que o homem se tornasse um autômato perfeito, totalmente destituído de sensibilidade, despojado de qualquer sentido humanitário, capaz apenas de executar, sem discussão, todas as ordens que recebe. Este tipo de homem novo foi quase realizado na SS hitleriana.(MICHEL, 1977, p.18-19)

Por fim, os educadores e artistas adquirem um papel fundamental. Eles vão forjar este novo tipo de homem. Vão propor a recusa do universalismo do humanismo substituindo pelo sentimento de pertencimento a nação, a ligação a sua terra, a sua língua, as suas origens. Abusando da propaganda em que o culto ao chefe oscila entre uma figura paternalista sorridente e protetora e outra dura e tensa, quase sempre fardada. O partido torna-se uma “ordem”, com uniformes, insígnias, paradas comemorativas e constantemente preparadas para a guerra. Finalmente, o intuito principal é demonstrar e confirmar sua força perante outros países, para tornar válidos seus direitos através da ótica do regime totalitário.

Quanto à efetividade de como esses regimes totalitários fascistas conseguiram se estabelecer e prosperar em determinado período na Itália com o Fascismo de Mussolini e o Nacional Socialismo de Hitler na Alemanha, Hannah Arendt se posiciona quanto às massas da seguinte maneira:

Os movimentos totalitários são possíveis onde quer que existam massas que, por um motivo ou outro, desenvolveram certo gosto pela organização

política. As massas que não se unem pela consciência de um interesse comum e falta-lhes aquela específica articulação de classes que se expressa em objetivos determinados, limitados e atingíveis. O termo massa só se aplica quando lidamos com pessoas que, simplesmente devido ao seu número, ou à sua indiferença, ou a uma mistura de ambos, não se podem integrar numa organização profissional ou sindicato de trabalhadores. Potencialmente, as massas existem em qualquer país e constituem a maioria das pessoas neutras e politicamente indiferentes, que nunca se filiam a um partido e raramente exercem o poder do voto. (ARENDDT, 2007, p.360)

Retornando ao contexto dos “carecas do subúrbio” quanto ao seu posicionamento como grupo fascista, fica perceptível em seus relatos a falta de perspectiva histórica de seus membros. Fato esse que se torna compreensível, ao voltarmos nossa ótica para o contexto de que a maioria deles era de origem pobre, que tiveram que trabalhar desde cedo e que provavelmente receberam uma educação deficitária. Como anteriormente citado, era comum entre os “carecas” o uso da suástica nazista, com o intuito de ser um símbolo que chocaria a sociedade por ser vista com maus olhos pela sociedade. Mas em entrevista a autora Márcia Regina da Costa, alguns carecas afirmam ser ou possuir simpatia com o Nazismo.

Em entrevista concedida a Costa, um careca negro de vulgo A. declara:

Depois que eu andei me informando (...), eu acho que o nazismo é uma boa (...). Eu acho que não cabe preconceito racial em nosso país, principalmente em nossa turma [...] Lá fora os *skins* são racistas (...). Só se o Brasil fosse “puro sangue”, uma raça branca só, uma raça negra só (...), podia caber, mas não é. Quanto ao judeu (...), eu não tenho nada contra. Eu até os ignoro (A. apud. COSTA, 1993, p.151)

Por outro lado, em entrevista a Costa (1993), encontra-se “carecas” que se demonstram distantes de questões raciais e nazistas. Como o careca J.C, um rapaz moreno claro e trabalhador, que foi demitido de um antigo trabalho na função de ajudante de cozinha, por ter estampado a capa de uma reportagem como “careca do subúrbio” e que desde então procurava andar sempre bem vestido e abandonou o estilo de raspar a cabeça. Em seu relato, declara-se claramente contra o racismo, “como vou ser racista, ter preconceito contra o negro, se eu tenho um irmão mais escuro que eu? E então eu não vou mais falar com meu próprio irmão? O Brasil, dentro de cem anos, vai ter uma cor só [...] a cor morena.”. Mas quanto à questão da elevada migração de nordestinos para São Paulo, mesmo com sua mãe sendo uma nordestina e ele um descendente direto, o rapaz J.C cai em contradição com suas palavras e demonstra-se xenofóbico ao argumentar que:

O problema é que eles aceitam ganhar qualquer coisa e aí os salários caem. A melhor coisa era desenvolver estas regiões para que eles ficassem lá. Eu sou uma pessoa que me esforço e devia ganhar mais (...); Não quero ser visto como marginal. (J.C. apud. COSTA, 1993, p.152)

Fica claro de acordo com esse relato, que apesar de ser um jovem pobre, o careca J.C apresenta uma posição de repulsa quanto ao migrante nordestino. Pois essa seria uma concorrência desleal perante ele, em que essas pessoas não naturais de São Paulo estariam dispostas a receber qualquer quantia pelo seu trabalho. Assim, diminuiriam os salários dele e de outros por conta desta concorrência vista como traiçoeira.

Em um relato, o careca N. demonstra segundo ele ter inserido a “ideologia nazista” entre os “carecas” próximos de si. Gabando-se por andar sempre de negro como os oficiais das tropas nazistas que visualizou em alguns filmes e revistas. Em que devido a sua truculência e alto nível de agressividade inspirava respeito e temor por parte dos *punks* em que o mesmo afirma:

A minha ideologia era a nazista (...). A Ideologia nazista é a coragem. Eu acho que é preciso ter coragem. Para mim não interessa se o cara é preto, amarelo. Ele tem que ter coragem. A minha idéia foi introduzir no movimento a coragem dos SS. Isto aí eu vi em documentários, filmes, revistas, li em livros (...). Aquilo me fascinou, aquela coragem de morrer por um ideal. Esse é o ideal dos SS: “fidelidade com o outro e a coragem de morrer lutando, nunca dá às costas para o inimigo”. Isso tinha de ser introduzido no meio dos “carecas” para dar “mais força ainda”. Hitler queria uma raça ariana (...). mas uma raça ariana no país dele. Lá tem condições de fazer isso, mas aqui não. O que eu gosto do nazismo é a ideologia dos SS, da coragem. É como um espartano da Grécia antiga. Os SS são guerreiros do século XX. [...] Fui eu que cheguei com o visual nazista. Entrei lá no meio e coloquei minha idéia. Aí comecei a distribuir livro nazista pros caras verem. Era livro sobre a SS, Gestapo (...) e o Pessoal foi lendo e gostando. No inicio, os “carecas” não gostavam dos nazistas, pois eram militares. E os “carecas” não gostavam de militares. Eles escreviam na suástica “morte aos nazistas!”. Mas depois eles gostaram. Pois a ideologia batia com a nossa (...), ser fiel a um e a outro e só pensar em nós. (N. apud. COSTA, 1993, p.153-154)

Nesse relato do “careca” N. ficam perceptíveis dois pontos: a falta de perspectiva histórica e como a difusão do nazismo e alguns de seus valores afetaram a maneira comportamental deste jovem. Ao vestir-se de preto como um membro da SS, esse rapaz ostenta uma postura de onipotência, em que ele seria tão forte, leal e bom soldado quanto à tropa de elite hitlerista. Sentimento este que provavelmente desaparece no dia seguinte, quando se retorna a rotina de baixos salários e um cotidiano fatídico e desigual. Em entrevista, a irmã de N., vulgo A. afirma ter participado da gangue de seu irmão durante algum tempo. Apesar de seu irmão não declarar, ela afirma que em seu grupo não existiam negros ou nordestinos assumindo uma postura xenofóbica ao defender que São Paulo deveria ser para os paulistanos ao relatar que:

Tinha um mulato que depois saiu pra briga. O pessoal do Nordeste está invadindo São Paulo. Cada um tinha que ficar em sua terra. Que eu saiba, em nosso grupo não tinha nordestino, pois a idéias deles eram bem diferentes. Aqui deviam ficar mais os paulistas. Tem muita gente em São Paulo. MetrÓpole que tem muita gente é isto que acontece: falta de

emprego, tudo com fome, cortiço, tudo amontoado. São Paulo é um amontoado, sem raça, tudo misturado, avacalhado. O Brasil não tem raça. Fala que é brasileiro, mas vai ver tem sangue português e nem sei mais o quê. Aqui não tem raça brasileira mesmo. O Brasil é uma mistura em um país sem nacionalidade. O Brasil não é nacionalista. (A. apud. COSTA, 1993, 155-156)

Utilizando como exemplo, existem diversos relatos de testemunhas que observaram “carecas do subúrbio” fazendo a saudação típica da mão espalmada do nacional-socialismo alemão. Alessandro Bracht afirma que um careca, de vulgo MG., editor do fanzine Protesto Suburbano estampa a capa da antiga revista “Atenção” realizando a aclamação de braço estendido e punho espalmado hitlerista.

Como caráter conclusivo, poderíamos citar uma série de outros exemplos de manifestações de “carecas” ligadas ao Nazismo alemão e posturas adotadas de cunho fascista, todavia não devemos cair no pecado da generalização e afirmar que todos os “carecas” são fascistas. Todavia existe uma parcela que é inclinada a linha de pensamento supracitada.

Fica claro dentre esses rapazes de origem humilde a falta de uma visão histórica apurada. Resultando o surgimento de jovens que se declaram nazistas e que sem perceberem, tornam-se fascistas. Cultuam valores como a coragem do soldado da tropa de elite nazista, a violência, a ação, repudiam a presença de migrantes em seu Estado, considerando-os uma patologia que infecta o mesmo, dentre uma série de outros fatores que ficam perceptíveis em seus relatos confundindo assim nacionalismo com regionalismo. Por fim, fica claro, o fascismo rompeu fronteiras, mudou contextos e se adaptou a uma nova localidade.

A questão xenofóbica na produção musical dos “carecas”

Para a utilização da música como fonte histórica é de extrema importância a leitura das entrelinhas da mesma. A canção trás consigo uma série de elementos subjetivos que não estão expostos diretamente na letra e se estão, ao analisá-la existem uma gama de fatos sociais que estão manifestados direta ou indiretamente. Concomitantemente, essas letras acabam tornando-se uma maneira de expor o que determinados sentimentos dos quais estão passando naquele momento, qual é a situação do seu cotidiano, da sua família, dentre outros contextos. Conseqüentemente, interferindo diretamente na conduta e práticas sociais dos mesmos através do imaginário que são colocados em prática através das manifestações culturais.

Contudo, existe o fator da representação, agente este que vai muito mais além do que está na língua, nas palavras, ou na gramática. O ponto chave das representações é a percepção da língua tomando sentido no social. É enxergar como a linguagem e determinada linha de pensamento caminham de mãos dadas e conseqüentemente, produzindo sentido por/para sujeitos. Por fim, esses sentidos são o ultimo fator das experiências vividas por esses indivíduos no cotidiano: alegrias, tristezas, mazelas, vitórias, indignação, dentre outros.

Entretanto o objetivo deste trabalho é a identificação da xenofobia nas letras dos “carecas do subúrbio”. Antes dessa análise, é necessária a compreensão das raízes do preconceito

para com o nordestino. Entender como foi construída a figura estereotipada que consiste em um sujeito que oscila entre o caricato e o pitoresco, de baixa estatura, visto como ignorante e considerado como um ser parasitário que debanda de uma região miserável. Segundo Albuquerque (2011), a criação de estereótipos resulta de “uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo”. Ou seja, estabelece-se um padrão rudimentar deste grupo forasteiro, em que suas características individuais são colocadas de lado e elabora-se um modelo conceitual, visto superficialmente em detrimento dos mesmos.

O sustentáculo do gênese do preconceito para com o nordestino está na “invenção regional do nordeste”, após a quebra do dualismo espacial brasileiro que consistia na divisão Norte/Sul que se arrastou até a primeira metade do século XIX. Em meados do século XIX, o ápice dessas transformações foram decorrentes do fim da escravidão, o declínio da produção açucareira, dentre outros fatores. Após a Proclamação da República a região Sul surge um novo polo de poder. A fala dos representantes políticos dos estados da parte Norte do Brasil, começaram a centralizar em temáticas que de alguma maneira poderiam sensibilizar a opinião pública em busca de recursos do Estado. Temáticas como a: “seca, o cangaço, o messianismo, as lutas de parentela pelo controle dos Estados”, defende Albuquerque Júnior que são elementos usados como pedra fundadora da idéia de Nordeste. No qual o mesmo complementa que arraigado ao saudosismo:

A elaboração da região se dá, no entanto, no plano cultural, mais do que no político. Para isso contribuirão decisivamente as obras sociológicas e artísticas de filhos dessa “elite regional” desterritorializada, no esforço de criar novos territórios existenciais e sociais, capazes de resgatar o passado de glória da região, o fausto da casa-grande, a “docilidade” da senzala, a “paz e estabilidade” do Império. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.46-47)

Ou seja, esse sentimento de nostalgia são baseados em elementos vistos como de atraso para a região como por exemplo: o coronelismo e os “Severinos” amarelos de baixa estatura que possuíam quase que características animais devido seu patamar de alienação. Estes fundamentados na produção intelectual e artística de filhos de uma elite local que buscavam resgatar um passado de louros e glórias de outrora. Mas que serviram como elemento catalisador, como material de forja e cristalização do preconceito. Este imagético consagrado segundo Albuquerque Júnior somente: “Aprofunda, de certa forma, a própria elaboração regional, feita pelos discursos tradicionais, que haviam escolhido o lugar de vítimas, de coitadinhos, de pedintes, de injustiçados, para ocuparem nacionalmente.”

Retornando para a realidade dos “carecas do subúrbio” e á análise da música como fonte, deve-se levar em conta os fatores externos que assolavam esses jovens pobres e trabalhadores que caminhavam pelas camadas desprivilegiadas da sociedade. Segundo o historiador Eric Hobsbawm durante a década de 80, o Brasil como um todo se apresentava como o campeão mundial da desigualdade social, em que 20% da população mais carente dividiam entre si 2,5% da renda do país, enquanto a parcela 20% mais rica ficava com dois terços de toda a renda da nação.

Por outro lado nesse mesmo período, existe um grande fluxo migracional de pessoas do campo para as cidades em todo o mundo. No contexto brasileiro, principalmente no sentido Nordeste - São Paulo pois a capital paulista apresentava-se como principal centro econômico brasileiro e possui os pólos siderúrgicos do ABC como um grande gerador de empregos. A chegada de um elevado número de migrantes revela-se no salto de 100% no salto migratório decenal entre a década de 70 e 80 no estudo realizado pela demógrafa da Fundação Saede Sonia Regina Perillo.

Após esses dados introdutórios, segue a canção do grupo paulista “W.C.H.C”, manifestando sua posição contra o migrante oriundo da região nordeste:

Migrante/ Você que vem pra cá/ Buscar o que não tem lá/ Maldito migrante, desista/ São Paulo não te agüenta./ Você só suga o sangue paulista!/ Apenas mais um na concorrência,/ Empregos, mulheres, terras,/ Tudo isso você vai roubar./ Volte para sua terra, migrante/ Filho da puta!(W.C.H.C apud. COSTA, 1993, p.153)

Outra letra bastante semelhante é a do grupo “Frente Nacional” na letra “Nosso estado”, em que a banda em suas letras expõe seu sentimento xenofóbico e antiimigrante.

Não podemos recuar/ A migração já passa do limite/ Somos paulistas, vítimas paulistas/ Não, não perca seu orgulho/ (...) Falam mal da invasão estrangeira/ Mas não enxergam a migração interna/ Nós nascemos aqui/ Não deixe que te roubem/ Seu emprego, sua garota, seu lugar/ Temos que lutar antes que seja tarde/ São Paulo jamais será dividido (FRENTE NACIONAL apud. BRACHT, 2005, p.104)

Percebe-se que nas letras de ambos os grupos a aversão e a intolerância ao migrante nordestino é clara. Na primeira os migrantes são acusados de serem apenas mais uma concorrência que estaria “sugando” das forças do estado de São Paulo. Não somente no campo econômico, mas na posse de terras e das mulheres. Assim, percebemos uma postura machista e patriarcal. A mulher, sob essa perspectiva, é uma propriedade privada, um bem, inadmissível de “furto”.

Em um modelo de sociedade norteada por princípios cristãos que é a brasileira em que o pai é o núcleo em que a família constrói seus alicerces, um determinado sujeito visto como forasteiro que surge e teoricamente conquista e/ou toma sua esfera de ação certamente será considerado uma ameaça. O machismo e a xenofobia são características de grupos fascistas em que o homem deve e tem que demonstrar a sua força perante o migrante que pretende saquear sua nação. Por fim, a letra é finalizada com um palavrão, manifestação clara do asco por parte dos “carecas”.

A segunda letra, dentre outros elementos, apresenta a vitimização, por parte dos carecas paulistanos na sua relação com os imigrantes. Declaração regionalista, travestida de nacionalista, afirma a perda de direitos em decorrência da presença desse “outro”, o nordestino, visto como um “estrangeiro” em seu próprio país. Mais uma vez, se torna evidente esse nacionalismo fascista característico dos “carecas do subúrbio”.

Outros aspectos de cunho fascista são perceptíveis na letra, o culto à ação e a beligerância, em que está declarada abertamente uma guerra contra o migrante. Apresentando-se abertamente disposto a guerrear por sua “nação” paulista. Além da xenofobia, a aversão ao “estrangeiro”, neste caso o nordestino.

O processo migratório decorrente da má distribuição de renda em nível nacional também alimenta a xenofobia desses jovens que veem o migrante nordestino com um “alienígena” que foge de uma situação de miséria do seu lugar de origem.

Submeter-se aos baixos salários ofertados seria um dos motivos dessa intolerância. Concordando em receber uma determinada quantia inferior a população nativa, os nordestinos estariam, na visão dos carecas, gerando uma concorrência desigual, monopolizando, com isso, as vagas de emprego. Paulatinamente, com tais atitudes o migrante nordestino estaria tomando para si o estado de São Paulo.

Os “carecas do subúrbio” trazem consigo um arcabouço de ideais fascistas, dentre eles: o nacionalismo exacerbado, o culto à ação e a guerra, a violência, a xenofobia, dentre outros aspectos.

Por fim, as músicas funcionam como uma válvula de escape para esses indivíduos. Lugar em que se presentifica uma ideologia e a cultura realiza a dialética para expor o que eles pensavam naquele momento. Espaço em que a representação do outro toma forma e ganha significado. São as línguas de um grupo que estão gritando para quem desejar ouvir.

Considerações finais

Falharam os esforços dos carecas do subúrbio paulistanos de se mobilizar como um movimento social forte e coeso em busca de uma força paramilitar que salvaria o Brasil das desigualdades gritantes presentes em seu cotidiano. Esforços, mobilização e produção de *fanzines* para a disseminação de sua ideologia. Existe uma série de nuances e incoerências no processo de coesão dos carecas. Num determinado momento repudiavam os *skinheads* britânicos e sua postura xenofóbica e racista, pois seu objetivo principal era fundar um movimento sem influência estrangeira. Por outro lado, a tese de que as manifestações fascistas não se resumem a um determinado recorte histórico da Primeira e Segunda Guerra Mundial é comprovada.

Arrraigados na ideologia dos *skinheads* europeus, alguns “carecas” brasileiros demonstra falta de perspectiva histórica e apresenta-se como um sujeito que em um primeiro momento, utilizava a suástica nazista unicamente como símbolo de contracultura. Com o intuito de chocar a sociedade com um símbolo que traria repugnância, pois era carro chefe do Partido Nacional Socialista Alemão. Mas por outro lado, novamente devido sua ótica desprivilegiada quanto à historiografia, a linha de pensamento fascista apresentada principalmente por conta da produção midiática destinada ao grande público se faz presente no arcabouço ideológico dos “carecas”.

Por fim, importante considerar o lugar de fala e o contexto social, no qual esses jovens encontram-se inseridos.

Muitos pobres trabalham em subempregos e recebem uma remuneração longe do ideal para saciar suas necessidades e sonhos. Por outro lado, a chegada do nordestino em suas cidades gerou demasiado descontentamento. Acusados de fugitivos de um contexto de miséria extrema e vistos como sujeitos que não possuíam absolutamente nada a perder. E conseqüentemente, submetiam-se a qualquer proposta de trabalho.

O “careca do subúrbio” utilizam como fio condutor a ideologia fascista e um contexto de grande fluxo migracional de nordestinos para o estado de São Paulo.

A música dos carecas apresenta-se como um recurso discursivo que evidência traços de uma mentalidade bárbara, hostil e intolerante, aspectos recorrentes em um imaginário social que ainda causa certo espanto em decorrência das bases históricas, relegadas a um passado de aversão a alteridade e ao outro em um dado espaço de convivência social.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval de Muniz. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo: Antissemitismo, Imperialismo e Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. 8.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BRACHT, Alessandro. **O Nacionalismo dos skinheads brasileiros**. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum12_art07_bracht.pdf>. Acesso em: 24 de abril de 2012.

BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola, PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Volume 1. Brasília: Editoria Universidade de Brasília. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSTA, Márcia Regina da. **Os “carecas do subúrbio”**: Caminhos de um nomadismo moderno. Petrópolis/RJ: Vozes, 1993.

HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MARQUES, Adhemar, BERUTTI Flávio, FARIA, Ricardo. **História Contemporânea através de textos**. São Paulo: Contexto, 2011.

MICHEL, Henri. **Os fascismos**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1977.

PERILLO, Sonia. Regina. **Novos caminhos da migração no estado de São Paulo**. Disponível em: <https://www.seade.gov.br/produtos/spp/v10n02/v10n02_10.pdf>. Acesso em: 03 de novembro de 2012.